



CAMPOS, Michele. **Reinvenção do feminino na performance contemporânea.**

Belém: NEPAA/Unirio.

Núcleo de Estudos da Performance Afro-Ameríndia – NEPAA/UNIRIO; Mestre em

Artes Cênicas; José Luiz Ligiéro Coelho.

Atriz-performer, e educadora.

RESUMO

Nos anos 60 e 70 a arte performática foi veículo da afirmação feminista. Era a época da liberação sexual e das estéticas de ruptura de padrões. A arte feminista (inspirada na obra de Simone de Beauvoir) buscava formas de inversão dos valores patriarcalistas. Porém, como a performance reinventa a questão feminina hoje, diante das novas possibilidades de acesso a várias manifestações artísticas passadas em ferramentas como o Youtube? Segundo Schechner (2011), “não há chance de que alguma coisa ainda possa ser original; temos de rearranjar, recontextualizar”. Assim, novas experiências podem dar outros sentidos às antigas reivindicações feministas. Partiremos de um panorama das principais performers e alguns desdobramentos de trabalhos realizados por artistas influenciadas por Marina Abramovic, Carolee Schneemann, Yoko Ono, Martha Rosler, Valie EXPORT, e Orlan; propondo uma análise sobre a performance da paraense Berna Reale no cenário sociocultural de Belém, marcado por colonizações, conservadorismo, e pela cultura afro-indígena. Esta artista foi citada em O Globo (17/06/2012) como “a Marina Abramovic do Pará”, por sua releitura e apropriação da arte performática na contemporaneidade.

PALAVRA-CHAVE: Performance: feminismo: Belém: Berna Reale.

RÉSUMÉ

Pendant les années 60 et 70 l'art performative a été le véhicule d'affirmation féministe. C'était l'époque de la libération sexuelle et des esthétiques de rupture. L'art féministe (inspirée chez S. de Beauvoir) cherchait des façons d'inversion des valeurs patriarcales. Cependant, comment la performance reinvente la question féminine devant les nouvelles outils d'accès aux manifestations artistiques anciennes comme l'Youtube ? Selon Schechner (2011), «il n'y a pas de chance d'avoir quelque chose encore originel; il faut rearranger, recontextualizer». Donc, des nouvelles expériences peuvent donner d'autres sens aux anciens sujets féministes. On partira d'un panorama des principaux performers et ses implications dans les travaux engagés pour des artistes influencées pour M. Abramovic, C. Schneemann, Y. Ono, M. Rosler, V. EXPORT, et Orlan; en proposant une analyse sur la performance de l'artiste du Pará Berna Reale dans la scène socio-culturel de Belém, frappée par la colonisations, le conservatisme, et par la culture afro-indigène. Cette artiste a été citée chez O Globo (17/06/2012) comme «la Marina Abramovic du Pará», par sa appropriation de l'art performative dans la contemporanéité.

MOTS-CLÉS: Performance: féminisme: Belém: Berna Reale.

Nas décadas de 1960 e 1970, a arte performática foi veículo de manifestações de afirmação feminista, pois esse era um momento historicamente favorável à liberação sexual, a geração hippie, a cultura pop, e o início da chamada "arte contemporânea", onde as normas e escolas artísticas serão superadas em favor de estéticas de rompimento com padrões e modelos. A Arte Performática encontra terreno propício nos meios especializados (críticos, galerias, universidades, imprensa) e surge como principal meio de expressão artística na vanguarda, visto que as outras modalidades, como pintura, plástica, viam-se ainda de alguma forma atreladas às escolas tradicionais.

O feminismo é um discurso afirmativo surgido na esteira de outros movimentos semelhantes, como o Black Power, os Panteras Negras (movimentos de afirmação racial) e o Tropicalismo no Brasil (movimento de afirmação cultural nacional). As principais manifestações feministas diziam respeito a participação política (o voto das mulheres ainda não era possível em vários países, havia poucas mulheres em cargos públicos, etc), participação na vida social (nos ambientes de trabalho havia poucas mulheres em cargos de chefia e decisão, etc). Nas artes, essa filosofia surgiu através de performances que colocavam a mulher em situações de humilhação, exposição, ou, ao contrário, em posições ocupadas tradicionalmente por homens, formas de inversão da realidade, dos valores machistas e patriarcalistas, crítica a opressão simbólica, essas eram algumas das principais questões abordadas; fortemente inspirada na figura e na literatura de Simone de Beauvoir, seu livro "O segundo sexo" de 1949 é considerado um marco do movimento feminista por analisar os mitos e fatos históricos que colocaram a mulher em condição de submissão

Como a performance aborda e reinventa a questão feminina hoje? Considere-se a revolução tecnológica que, após os anos 1980, instaurou um novo cenário de possibilidades artísticas, como a internet, a video performance, a televisão, etc. Considere-se que hoje as antigas reivindicações feministas ganham outro sentido. No Brasil, temos uma presidenta. O dicionário da língua portuguesa admitiu a feminização desta palavra (Presidente, antes era uma palavra sem feminino). Na Argentina, temos presidenta também, Cristina Kirchner (2007 até hoje), nos EUA, a figura feminina vem se deslocando para símbolos de poder, com Hilary Clinton, e na Inglaterra, o mandato extenso e duro de Margaret Thatcher como primeira-ministra (1979-1990) tornou-a conhecida como "dama de ferro" devido a sua postura política incisiva. Nas artes performáticas, as artistas mulheres delinearam um capítulo à parte da história nos anos 1970, Marina Abramovic, Yoko Ono, Orlan, são algumas delas.

Porém, hoje também assistimos a uma superexposição do corpo feminino na mídia massiva em geral. Nunca assistimos a tamanho volume de exposição da nudez e da sensualidade da mulher como hoje. Isso implica em reflexões e questões positivas e negativas. Se as questões de opressão e preconceito hoje são mais sutis e menos explícitas, como a performance expressa essa realidade e representa o feminino?

Por isso, proponho analisar a performance da Berna Reale nesse contexto, frisando o cenário de Belém do Pará, a sociedade patriarcalista aqui marcada pela colonização e pelo coronelismo.

O silêncio como forma de engajamento performático

Berna Reale nasceu em Belém em do Pará em 1967 e iniciou sua produção em 1995, tendo participado, desde então, de exposições e prêmios no Brasil e no exterior. Atualmente, atua como perita criminal do Instituto de Criminalística na capital paraense, e chama a atenção de críticos e artistas pela forma com que conjuga sua atividade profissional às novas maneiras de engajamento político, seu posicionamento na cidade e na sociedade enquanto artista e participe dos acontecimentos urbanos do dia a dia, o que a levou a merecer o título de “Marina Abramovic do Pará”, concedido pelo intelectual Luiz Camillo Osório (O GLOBO, 2012), certamente pelo fato de reacender a figura da performer mulher que se posiciona criticamente sobre a vida cotidiana. Ambas originárias de localidades distantes, tendo o próprio corpo como objeto crítico e revelador de uma cultura e de uma localidade próprias.

Além de colocar a questão dos limites desse corpo, como na década de 1970, nas performances da Marina Abramovic, na série *Rhythms*, onde a artista dispões 72 objetos para o público usar da maneira que quisesse, ou ainda na performance *Cut Pieces* de Yoko Ono, onde ela oferece uma tesoura para que a plateia utilize como queira, colocando o corpo feminino passivo, prestes a ser invadido. Quais são os limites do lugar da crítica? Berna Reale propõe a pergunta: “Quem é que se serve?”

É o caso da performance *Sem Título* de 2011 onde ela é carregada pela cidade, nua, dependurada em uma vara, amarrada pelos pés e punhos, tal qual um animal sendo removido de um frigorífico, tendo passado por seis bairros de Belém. Aqui, a exploração dos limites serve para falar sobre os problemas urbanos. “Cada vez mais pessoas estão sendo vítimas da violência e abatidas como animais. Esse foi um trabalho polêmico porque eu coloco a vulnerabilidade do humano. Somos um material descartável. Você sai de casa, não sabe de volta. O homem perdeu a sensibilidade em relação ao outro”, afirma em reportagem do Diário do Pará (2011).

Nos anos 1970, o excesso de silêncio, através das formas de opressão que as sociedades patriarcais exerciam sobre a mulher, impondo-lhes mordanças na vida política, social, civil, profissional e artística, provocaria, naturalmente, a necessidade de uma fala contundente, da formas de radicalização no campo da expressão artística. Na contemporaneidade, ao contrário, o excesso de informação, de ruídos comunicacionais de toda ordem, faz com que fatalmente o silêncio seja a forma mais radical de expressão estética e de contato com o observador; em suma, uma forma cruel de provocar sentimentos de conexão.

O corpo em estado passivo, por vezes, fala muito mais do que o excesso de movimento, especialmente por meio das sensações trágicas de agonia, angústia, compaixão, repulsa, etc. É o caso do *Cut Pieces* de Yoko Ono, ou ainda dos trabalhos *Sem Título* e *Quando Todos Calam* de Reale.

Este contato que se dá na linguagem estética da performance representar o movimento próprio de entrega ao prazer da experiência estética comum, o que, segundo Maffesoli (2005, p. 34-41), possibilita uma saída, mesmo que momentânea, do sentimento estritamente privado para o coletivo. E essa vinculação sensível é capaz de gerar uma solidariedade comum, um tipo especial de resistência contra o que há no exterior.

Neste artigo, analisarei especialmente as performances *Quando Todos Calam* e *Sem Título*, ambas realizadas na cidade de Belém. A questão é como a arte do corpo pode ser compreendida no contexto atual. Estas, como vários outros trabalhos

de Reale, se expressam pela linguagem simbólica visual com forte viés crítico, um espaço de múltiplas visões, lugar de denúncia e subversão. Fletcher e De Paula (2011, p. 42) comentam: “*Quando Todos Calam* é um convite para se permitir ouvir os oprimidos e a reflexão do papel da arte contemporânea”. Enfim, trata-se não apenas de uma crítica social, mas igualmente uma crítica ou posicionamento quanto ao papel da performer mulher e da arte em si na sociedade em que vivemos hoje, onde as grandes questões políticas, como ditaduras, preconceitos, machismos e opressões governamentais diluem-se na vida cotidiana que guarda, naturalmente, heranças modernas burguesas, mas se pretende globalizada.

Quando Todos Calam foi contemplada com o Grande Prêmio do Salão Arte Pará 2009, o mais importante concurso de artes visuais da região amazônica, promovido por marchands e pelas organizações Rômulo Maiorana, filiar da Rede Globo no Pará. A performance orientada para a fotografia propõe um tipo de reflexão e de posicionamento crítico que se manifesta esteticamente. Afinal, é o uso das imagens, é a combinação cruel e animalesca das figuras que compõe a fala da artista. Portanto, poderíamos supor que Berna Reale nos apresenta uma forma de engajamento cuja potência não seria essencialmente narrativa-discursiva, mas estética. “O pensamento se propõe a gerar uma mudança da realidade vigente”, apontam Fletcher e De Paula (2011, p. 43).

A performance *Quando Todos Calam* é composta por três fotografias de uma mesma situação. A artista se encontra nua, deitada sobre uma mesa coberta por uma toalha branca. Em seu ventre, vísceras humanas. O cenário é o mercado popular de peixes do Ver-o-Peso, cartão-postal da cidade e conhecidamente um dos maiores mercados à céu aberto do mundo. No céu povoado por nuvens escuras, dezenas de urubus rondam e ameaçam a carniça. O Ver-o-Peso como “estômago da cidade” guarda de uma só vez a multiplicidade de falas, olhares, personagens da vida urbana, e aquele que talvez seja o mais contundente de todos: o silêncio, materializado pelo corpo inerte da artista. Aqui, o silêncio representa a potência expressiva, é ele a fala, é ele o engajamento. Afinal, *Quando Todos Calam* é não apenas uma denúncia do silêncio, mas também um convite a calar-se, silenciar de forma reflexiva em torno de várias questões que ali se impõem.

É uma característica da contemporaneidade artística o tom apocalíptico e trágico, a fragilidade fugaz das relações com o outro e com o lugar; o que salta aos olhos do observador diante da solidão imóvel de Reale em meio ao tão turbulento cenário do Ver-o-Peso e à iminente possibilidade do ataque dos urubus. Afinal, ao se oferecer em sacrifício aos predadores, são inúmeras as formas de recepção, de participação que a artista apresenta ao observador. Poderíamos perceber em *Quando Todos Calam* tantas formas de crítica, seja ao descaso governamental, a miséria humana, ao abandono, à poluição, à fome, à dimensão animal do ser humano.

Outra característica própria da contemporaneidade seria a forma de apropriação do local em uma ambivalência poética entre o micro e o macrocosmo. A miséria da vida urbana é tratada de forma global em um cenário cuja premência parte de um território específico, o Ver-o-Peso.

Em suma, a potência estética destes trabalhos é exatamente o que nos parece induzir à comoção do observador, ou ainda, a participação sensível, ou seja, a forma mais intensa de contágio, aquela que toca em nossas maneiras de perceber e de sentir o mundo, o que Artaud classificava como *crueidade*, ou ainda algo

próximo da *catarse* aristotélica. De todo modo, trata-se de encontrar modos artísticos de contato e de comunicação com o outro. Trata-se de reconhecer, desvendar todo um novo repertório de códigos estéticos que vêm nos ajudar a reinventar a arte performática como engajamento.

Figura 1. Performance *Quando Todos Calam*, 2009.

Figura 2. Performance *Sem Título*, 2011.



Referências bibliográficas

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DIÁRIO DO PARÁ. **Caos e efeito artísticos**. Belém, 22 de dezembro de 2011.

FLETCHER, John e DE PAULA, Leandro Raphael. **Tragédia e catarse em *Quando Todos Calam* de Berna Reale**. In: Revista Ensaio Geral, v. 3, n. 6. Belém: ETDUFPA, 2011.

GOLDBER, Roselee. **A arte da performance: do futurismo ao presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

O GLOBO. **Berna Reale, a 'Marina Abramovic' do Pará**. Rio de Janeiro, 17 de junho de 2012.

O LIBERAL. **Artistas paraenses expõem em Londres**. Belém, 19 de julho de 2012.

REALE, Berna. **Entrevista no Programa do Jô**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 12 jul 2012. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=KAJz2uLvwKY>

SCHECHNER, Richard. **Performatividade, mise en scène do corpo nas redes sociais de internet**. Paris: EHESS, 2011 (palestra).